

A PROVIDÊNCIA DE DEUS PRESENTE NA VIDA DOS SEUS FILHOS

Eberson GRACINO*

RESUMO: O presente trabalho visa apresentar como Deus age na vida dos Seus filhos providência todos os meios e recursos necessários para que eles possam viver debaixo da Sua graça. Este assunto está diretamente ligado a doutrina do pacto e procuramos registrar a importância dela na vida dos cristãos. Queremos defender que não existe fatalismo na vida dos cristãos, mas a ação soberana de Deus. Utilizamos variada bibliografia, como livros e publicações acadêmicas para desenvolver o artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Pacto; Providência; Perseverança.

* Eberson Gracino, Pastor Titular da Igreja Presbiteriana do Jardim Carvalho na cidade de Ponta Grossa desde 2001. Pós-Graduado em Liderança pela Faculdade Batista do Sul, Mestre em Missões Urbanas pelo Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper e Doutorando em Ministério pelo Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper. email: egracino@ig.com.br

INTRODUÇÃO

Uma das palavras que ouvimos principalmente quando uma pessoa tem a experiência da conversão a Jesus Cristo como Senhor e Salvador da sua vida, é que Deus tem planos maravilhosos para ela. As pessoas podem até não entender o que está acontecendo em cada circunstância, cada situação, mas elas existem para fazerem parte da formação integral da vida do indivíduo.

Essa falta de entendimento geralmente é que faz com que as pessoas vivam suas vidas de maneira que venham a desobedecer ao Senhor. Decisões que são tomadas dificilmente levam em consideração a Vontade de Deus, mesmo que muitas vezes declarando sua fé no Senhor Deus. As Decisões são puramente pautadas em suas vontades pessoais, gostos, pré-conceitos, e sem a organização de ideias que poderiam ajudar a viver de uma maneira mais abençoada, centrada na Palavra de Deus e Sua vontade, com menos erros e mais acertos.

O objetivo nesse artigo é mostrar como a providência divina é presente na vida dos seus filhos, até em situações que

não enxergar que o Senhor está no controle e tem os melhores planos. Também, diante de uma gama tão grande de igrejas e suas próprias doutrinas, apresentar um trabalho que possa colaborar academicamente para compreender essa doutrina dentro da Teologia do Pacto e a servir de instrumento de instrução sua na vida dos cristãos.

A providência de Deus é um dos assuntos diretamente ligados a doutrina do pacto e presente na situação de muitos servos de Deus do passado registrados nas Escrituras Sagradas. Registrar a importância dela na vida dos cristãos é nosso objetivo neste trabalho, visando mostrar como Deus age com misericórdia na vida dos seus em todos os momentos.

A forma mais popular de interpretar a providência de Deus é vista na vida dos cristãos por ocasião de um socorro urgente que o mesmo necessita e é atendido. No entanto, ela vai além destas situações, mas abrange a vida e a história como um todo. Os planos de Deus serão executados e para isso Ele providenciará todos os meios e recursos necessários para serem cumpridos.

O que se percebe é que este é um assunto pouco tratado no meio cristão com a profundidade que ele merece. É claro que dentro das pregações cristãs realizadas, certamente pinceladas da providência de Deus são colocadas, mas queremos tratar com um pouco mais de profundidade.

Calvino afirma que muitos admitem uma presciência de Deus sem nenhum propósito, atribuindo a Ele um mero regente do universo somente em nome, mas não de fato:

Do que se segue que a providência está situada no ato. E os que admitem uma mera presciência sem qualquer propósito, nada fazem senão divagar em néscios devaneios. Ora, pois, o propósito é refutar aquela opinião que tem prevalecido quase universalmente, a saber, que embora conceda a Deus apenas não sei que cego e ambíguo movimento, destrói o que lhe é primordial, isto é, que por sua incompreensível sabedoria dirige a cada coisa e tudo dispõe para seu fim, arrebatando-lhe, com isso, a ação diretora, faz de Deus o Regente do universo somente em nome, não de fato (2003, p. 245).

A ideia do fatalismo ou acaso ainda permeia a mente de muitas pessoas, principalmente os não cristãos. O problema é que muitos cristãos também compactuam com esse tipo de pensamento mesmo que inconsciente. Suas atitudes muitas vezes refletem comportamentos semelhantes com os ímpios.

Calvino (2003, p.242) ainda diz:

Evidentemente, quantos limitam a providência de Deus em tão estreitos limites, como se desejasse que as criaturas sigam o curso ordinário de sua natureza, roubam a Deus de sua glória e se privam de uma doutrina mui útil; pois não haveria nada mais desventuroso do que estar o homem sujeito a todos os movimentos do céu, da atmosfera, da terra e das águas.

O próprio Senhor Jesus Cristo certa vez advertiu os seus discípulos quanto a isto (Mateus 6.31-34). Nesta mesma linha de pensamento O Dr. Heber Campos, afirma:

Não há como negar a existência da obra providencial de Deus, porque não há coisas que venham a acontecer por mero acaso na vida deste mundo e, muito menos, na existência individual das pessoas. Aqueles que negam as obras

providenciais de Deus acabam caindo num fatalismo ou na ideia do acaso (CAMPOS, 2001, p. 7).

O objetivo de discorrermos sobre a providência de Deus dentro da teologia do pacto. Primeiramente definir-se-á teologia do pacto, doutrina da providência contrariando toda possibilidade de fatalismo ou acaso na história, e citaremos vários exemplos bíblicos da teologia do pacto e providencia de Deus, e o texto bíblico em Genesis 22 quando o Senhor pede para Abraão levar seu filho, filho da promessa para um monte que lhe mostraria e lá sacrificá-lo em obediência a o Senhor e sacrifício de adoração. mas como exemplo principal a história de Abraão e seu filho Isaque.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas. A mesma baseou-se em publicações acadêmicas e de livros.

1. TEOLOGIA DO PACTO

Inicialmente entendemos ser necessário definirmos o que é teologia do pacto para poder trabalhar a providência de Deus. O assunto é extremamente extenso, e não conseguiremos abranger todo o necessário, mas apresentaremos alguns pontos na tentativa de explicar seu conceito e sua relação com a providência de Deus que é nosso tema deste artigo.

O professor do Reformed Theologic Seminary, Ligan Duncam, nos apresenta uma clara definição sobre teologia do pacto Ele diz:

A teologia do pacto é o evangelho apresentado no contexto do plano eterno de Deus de comunhão com o Seu povo, e seu desenvolvimento histórico nos pactos das obras e da graça (bem como nos vários estágios progressivos do pacto da graça). Ela explica o significado da morte de Cristo à luz da plenitude do ensino bíblico sobre os pactos divinos, fortalece nosso entendimento da natureza e uso dos sacramentos, e provê a explicação mais completa possível dos fundamentos de nossa segurança. Colocado de outra forma, a teologia do pacto é o modo da Bíblia explicar e aprofundar nosso entendimento da: (1) expiação [o significado da morte de Cristo]; (2) segurança [a base de nossa

confiança de comunhão com Deus e o desfrutar de Suas promessas]; (3) os sacramentos [sinais e selos das promessas pactuais de Deus – o que eles são e como eles operam]; e (4) a continuidade da história da redenção [o plano unificado de salvação de Deus]. A teologia do pacto é também uma hermenêutica; uma abordagem do entendimento das Escrituras – uma abordagem que tenta explicar bíblicamente a unidade da revelação bíblica (DUNCAM, 2018).

Os planos de Deus de relacionamento com o seus eleitos e a história desenvolvida são a base da teologia dos pactos. Deus através de seus recursos sobrenaturais providencia todas as coisas para que esse relacionamento se desenvolva da maneira mais adequada diante de toda a imperfeição humana. Desde o início da história com Adão até a pessoa de Jesus Cristo, seu nascimento, morte e ressurreição, e, até a segunda vinda de Cristo, Deus desenvolve sua vontade sobre a humanidade.

No que tange ao relacionamento de Deus e o pacto com os seus, A definição do pacto é crucial, pois a definição afetar

o que é classificado como um pacto, como os vários pactos se relacionam entre si e com a natureza das obrigações do pacto.

O. Palmer Robertson afirma:

A estrutura bi-pactual da Escritura e da Confissão de Westminster, mas ele redefiniu os termos tradicionais para os dois pactos. Ele fala da Aliança da Criação (no lugar das obras) e da Aliança da Redenção (no lugar da graça). Ele também ofereceu uma nova definição da aliança: um vínculo, no sangue, soberanamente administrado (ROBERTSON, 1997, p.15)

Este conceito foi implantado no coração do homem, e isto ajudou a compreender o que viria a se realizar em suas vidas através do pacto com Deus. Percebe-se que o plano eterno de Deus estava preparando muito antes os seus para quando isso acontecesse foi compreendido plenamente.

Duncam (2018) citando introdução à **Economia dos Pactos** de Witsius, afirma que a teologia do pacto tem sido sistematicamente esquecida. Ele também a vê como a possibilidade de um sistema teológico coerente. Ele afirma:

A teologia do pacto é uma mistura de teologia bíblica e sistemática. É teologia bíblica no sentido que a teologia do pacto reconhece que a própria Bíblia estrutura o progresso da história da redenção através da sucessão de pactos. É teologia sistemática porque reconhece os pactos como um princípio arquetônico e organizador fundamental para a teologia da Bíblia. Dessa forma, ela consegue integrar o ensino bíblico sobre as representatividades federativas de Adão e Cristo, a natureza pactua da encarnação e da expiação, as continuidades e descontinuidades no progresso da história redentora, a relação das escrituras judaicas e cristãs, lei e evangelho, num sistema teológico coerente (DUNCAM, 2018).

Zugg (2016) esclarece como as pessoas devem utilizar-se dos pactos como uma lente para entender as Escrituras Sagradas e os planos de Deus: “A visão que uma pessoa tem da relação entre os pactos afetará a maneira como ele lê as Escrituras e os princípios que ela usa para interpretar o Novo Testamento”. Desta maneira, entendemos que a providência de Deus precisa ser discutida da sua realidade

dentro da teologia dos pactos, para que seja bem compreendida e faça parte de um sistema teológico coerente.

2. DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA

Após trabalharmos resumidamente a teologia do pacto, definiremos a doutrina da providência e sua relação. Segundo Hanko (2018), a palavra providência não é encontrada na Bíblia. É através dela que o Senhor governa todas as coisas criadas por Ele. Sua compreensão é fundamental para compreender a vontade soberana de Deus e como Ele age na história.

Mesmo não existindo a palavra “providência”, seu conceito é ricamente permeado dentro da Bíblia Sagrada através de vários textos bíblicos, como por exemplo Daniel 4.35: Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes? E, Efésios 1.11: “nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito

daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade”.

A Confissão de Fé de Westminster (1980) afirma que:

Pela sua muito sabia providencia, segundo a sua infalível presciência e o livre e imutável conselho da sua própria vontade, Deus, o grande Criador de todas as coisas, para o louvor da glória da sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as suas criaturas, todas as ações e todas as coisas, desde a maior até a menor.

O Senhor do alto de sua sabedoria, predeterminou todas as coisas antes da fundação do mundo conforme Hebreus 4.3. Ela serve para nos dar a certeza de que o cuidado de Deus está sobre nós para cumprir seus planos. Ele utilizará dos meios necessários para providenciar e eles sejam cumpridos. Campos (2001) afirma que o tema geral da providência está diretamente ligado aos decretos soberanos de Deus. Segundo ele, a história é o palco dos atos eternamente decretados pelo Senhor da história.

Dentro daquilo que compreendemos, a doutrina da providência se inicia na obra da criação de Deus. Campos (2001) destaca que a Confissão de Fé de Westminster primeiro vem o tema criação e depois providencia. Mas isto não é necessariamente um problema, uma vez que dentro do poder soberano de Deus todas as coisas se entrelaçam.

O Senhor desde a criação agiu pela sua soberana providência, trazendo a existência tudo aquilo que veio a existir, tudo isso fruto do seu poder e vontade. Ainda na criação, Campos (2001, p.27) afirma: “Os seres celestes, aqueles que foram criados todos de uma só vez, que não formam uma raça, são tomados por Deus para serem instrumentos de sua providência. Eles são chamados frequentemente na Escritura de “exército do céu”.

E no que concerne a Sua revelação, ele nos esclarece que:

Desde tempos bem remotos, os sonhos e visões foram instrumentos de Deus para a veiculação de sua revelação. Todavia, os sonhos e visões também foram usados por Deus como instrumentos de sua obra providencial, nas suas mais variadas formas. A ação de Deus sempre ficou evidente na

vida de todas as pessoas, quer elas aceitem ou não. Ninguém por mais esforço que envie, não consegue ter o controle de sua vida ou de sua história. Tudo isso faz parte do governo de Deus, e tudo está dentro de Sua vontade para um propósito (CAMPOS 2001, p.34).

Packer (2014, p.27) nos elucida isso com a seguinte afirmação: “Deus sabe e prevê todas as coisas, e sua presciência é predestinação. Ele, portanto, terá a última palavra, tanto na história como no destino de cada homem; seu reino e sua justiça finalmente triunfarão, pois nem os homens, nem os anjos poderão opor-se a ele”. Não é à toa que o apóstolo Paulo em Romanos 8.28-30 afirma com convicção o chamado de Deus para viverem segundo os seus propósitos.

A Confissão de Fé de Westminster (1980) diz que: “Como a providência de Deus se estende, em geral, a todos os crentes, também de um modo muito especial ele cuida da Igreja e tudo dispõe a bem dela.” O cuidado do Senhor é eterno e permanente sobre a vida dos filhos de Deus e da igreja do Senhor.

3. A PROVIDÊNCIA DE DEUS EM ABRAÃO E ISAQUE

Adão e Eva, aqueles que faziam parte do primeiro pacto caíram, e tiveram que recomeçar a sua história, agora em condição de pecadores, tendo que trabalharem com suor, sofrendo as dores do parto, e vivenciando todas as calamidades que fazem parte da natureza pecaminosa do ser humano.

O Senhor ainda providencia dentro dos seus planos soberanos um segundo pacto com Noé. Segundo o texto bíblico de Gênesis 9.9: *“Eis que estabeleço a minha aliança convosco, e com a vossa descendência”*. Segundo Robertson (1997. p. 109), o pacto com Noé é o pacto da preservação. O Senhor prometeu que não destruiria o mundo mais com o dilúvio e daria um arco no céu como sinal desse pacto.

Em Genesis 17.1-12 temos o pacto com Abraão. Com a promessa a Abraão tem início o povo judeu (Israel). Mesmo Sara sendo estéril, a Abraão foi prometido uma semente, e através dessa semente viria o Messias, o Filho de Deus. Na Teologia do Pacto, Abraão aparece em terceiro na sequência da ação de Deus. A aliança de Deus com Abraão inicia em Genesis

capítulo 12.1-3 quando Deus faz algumas promessas a ele. Deus o chama e diz para ele sair da sua terra, de perto dos parentes, da casa do pai e ir para uma terra que ainda seria mostrada. No versículo 4 Abraão obedece a Deus prontamente: *“Partiu, pois, Abraão, como lho ordenara o SENHOR, e Ló foi com ele. Tinha Abraão setenta e cinco anos quando saiu de Harã.”* Abraão obedeceu e confiou nas promessas de Deus, pois seria abençoado e dele sairia uma grande nação.

No capítulo 15.1-6, Deus novamente tem um novo encontro com Abraão e neste novo diálogo Deus reforça sua promessa, mesmo ele ainda não tendo nenhum filho oriundo do seu casamento com Sara. O tempo passa e 13 anos depois Abraão não tem filhos com Sara, mas tem um filho com a serva Hagar, daí o nascimento de Ismael. Gênesis 16 é a narrativa desse ato de desobediência de Abraão e Sara para com Deus. Deus vem orientando-o a confiar que tudo aconteceria no tempo certo, mas ele e sua esposa transgrediram a Palavra de Deus e agora tem um filho que não é deles, conforme a promessa de Deus. O resultado disso é uma confusão dentro do

seu lar. A serva provocando a Sara e por sua vez, sua esposa amargurada e desiludida com a situação. O resultado é Hagar e seu filho sendo levados para o deserto e de lá seguirem com suas vidas.

Em Gênesis 17.1-22 temos a narrativa importante sobre a Aliança de Deus com Abraão quando o Senhor aparece novamente a ele e faz uma exortação quanto a andar na presença do Senhor e ser perfeito.

O conceito de perfeição neste texto não é viver sem pecado, pois o ser humano não possui essa capacidade. DAVIDSON (1963, p.99) afirma que essa perfeição está relacionada com o andar em retidão na presença do Senhor que Abraão deveria ter, Sua conduta deveria estar em consonância com a sua crença, sua fé. Acrescenta no texto que Deus o multiplicaria extraordinariamente. Deve-se lembrar que Abraão ainda não tem um filho com sua esposa, e Deus está fazendo promessas extraordinárias para ele.

O fato de Abraão não ter filhos certamente trazia em seu coração e de sua esposa muitas inquietações, mas mesmo assim

ele prostra-se em terra e adora a Deus para escutar o que o Senhor tinha para falar (Gênesis 17.3-4). Abrão ouviu tudo o que Deus estava falando, mas no seu íntimo falava consigo mesmo como se Deus não tivesse poder de ouvi-lo e fala para Deus afirmando que sua descendência ainda era Ismael (17.17-22).

O Senhor se retira da presença de Abraão, mas antes muda o seu nome para Abraão. Abraão era o nome original de Abraão, que segundo o livro de Gênesis da Bíblia, teve seu nome mudado por Deus, adicionando à *Abram* a palavra *hamon*, que quer dizer “*muitos, multidão*”, passando a significar “*pai das multidões*” ou “*pai de muitos*”. Assim sendo, Abraão (*Abraham*, em hebraico) significa “*pai de muitos*” (VINCENT, 1968, p.6). Deus muda o seu nome, mas somente um ano depois é que a promessa se cumpriria.

3.1. O filho da promessa

Passados um ano de quando Deus havia feito a promessa a Abraão, Sara sua esposa dá à luz ao filho da promessa e vemos a narrativa do nascimento de Isaque (Gênesis 21.1-5). Deus

cumprir sua palavra como havia dito e o nascimento do menino acontece, trazendo muita alegria para aquela família e também gerando muita expectativa a seu respeito, pois Deus havia dito que de Abraão viria uma grande nação.

A referência no texto bíblico relatando a idade de cem anos para Abraão é a demonstração do poder de Deus. Em Hebreus 11.12 vemos a expressão utilizada para explicar qual era a situação física de Abraão quando o mesmo engravidou a sua esposa Sara. O texto bíblico diz que ele estava “*amortecido*”, isto é, não tinha mais condições físicas de gerar um filho. Não esqueçamos também que ela, sua esposa era estéril, não tinha condições físicas de engravidar também. Diante da impossibilidade de ambos, Deus opera o milagre da gestação vindo a nascer a Isaque, o filho da promessa.

Não obstante a este milagre, seu nome vem marcado por um grande significado: Riso. Isto porque sua mãe, quando ouviu Deus falar com seu marido, riu no seu íntimo daquilo que o Senhor estava falando (Genesis 18.12-14).

Podemos imaginar que o riso de Sara não tem diferença do riso de Abraão relatado em Gênesis 17.17: *“Então, se prostrou Abraão, rosto em terra, e se riu, e disse consigo: A um homem de cem anos há de nascer um filho?...”*

Henry (2008, p. 30) esclarece essa afirmação dizendo o seguinte:

Nos podemos não pensar que tenha havido diferença entre o riso de Sara e o de Abraão (capítulo 17.17). Porém, Aquele que esquadrinha o coração viu que um surgia da incredulidade e o outro, da fé. Sara negou ter-se rido. Um pecado costuma levar a outro e é provável que não mantenhemos estritamente a verdade quando questionamos a verdade divina. Contudo, o Senhor repreende, acusa, silencia e leva ao arrependimento aos que ama quando pecam ante Ele.

O nascimento de Isaque é marcado por muitos fatos impossíveis de acontecer aos homens, mas diante de Deus não. Toda a incapacidade física de Abraão e Sara, e mesmo assim, o Senhor no tempo certo faz o milagre acontecer.

3.2. Pedido inusitado

Parece absurdo para nós o pedido de Deus para Abraão. Sacrificar o seu filho Isaque, o filho da promessa a quem o próprio Deus havia dado diante de circunstâncias tão especiais e extraordinárias, pois ele não podia mais ter filhos conforme vimos em Hebreus 11.12 “amortecido”, e Sara sua esposa que era estéril e avançada em idade. Mas o pedido foi feito, e foi obedecido por Abraão prontamente.

Aqui observa-se algumas coisas que realmente vem de pessoas comprometidas com o reino de Deus.

Primeiro o pedido de Deus é surpreendente, mas é ouvido atentamente por Abraão. Ele estava atento a tudo o que o Senhor falava, e procurava ouvir atentamente Suas palavras.

Segundo o pedido de Deus é obedecido prontamente por Abraão. Isto fica claro pelo fato de a Bíblia não registrar que

ele não hesitou diante de tal pedido. Diz o texto em Gênesis 22.3 que levantou Abraão de madrugada para a viagem de 3 dias *“Levantou-se, pois, Abraão de madrugada e, tendo preparado o seu jumento, tomou consigo dois dos seus servos e a Isaque, seu filho; rachou lenha para o holocausto e foi para o lugar que Deus lhe havia indicado.”*

O texto bíblico não diz claramente, mas subentende-se que esta viagem aconteceu no dia seguinte ao pedido do Senhor. Ele não duvidou, não questionou, não deixou que o assunto foi discutido dentro do seu lar, mas guardou para si as ordens de Deus e preparou a viagem que seria de 3 dias. Dá para imaginar a quantidade de pensamentos que passaram pela mente de Abraão nesta viagem e o quanto ele teve que se policiar, vigiar para não desistir no meio do caminho. Era muito estranho fazer aquela viagem diante de uma ordem tão inusitada, pois o Senhor havia prometido aquele filho, ele era o “filho da promessa”, e parece que os planos de Deus estão sendo mudados, e conseqüentemente o significado do seu nome não teria sentido. É possível que algumas vezes o ser humano não

consiga entender os planos de Deus, nem suas ordens. A princípio são estranhos e inusitados, mas com o tempo as coisas se tornam mais claras.

Terceiro, o pedido de Deus é obedecido por Isaque. Ele é chamado para a viagem, mas não pergunta qual o motivo da viagem, o que iriam fazer, onde iriam, o que iria acontecer, ele simplesmente como um bom filho obediente segue as ordens de seu pai.

3.3. A providência de Deus para Isaque

Percebe-se claramente nessa história o quanto Deus é Senhor do tempo e da história da humanidade. Parecia que tudo aquilo que Ele havia prometido estaria sendo mudado agora através desse pedido. Mas o Senhor estava no absoluto controle de todas as coisas.

Outro fato importante na providência de Deus é que o Senhor não mente, mas cumpre sua Palavra (Hebreus 6.17-20).

A providência veio diante de uma pergunta feita pelo seu filho que deve ter penetrado dentro da alma de Abraão. *“Onde está o cordeiro para o holocausto?”* (Genesis 22.7. Aqui pode-se ver o grande exercício da fé de Abraão em seu Deus. Pois sua resposta é a prova disso: *“...Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto...”* (Genesis 22.8). Havia no seu coração a fé que a promessa de Deus não iria falhar. O Senhor iria providenciar o cordeiro para si.

Abraão estava cumprindo cabalmente as ordens de Deus, mas o Senhor estava provando o seu coração para leva-lo a manifestar o seu amor a Ele a ponto de sacrificar o seu único filho, Isaque. O resultado disso é a expressão utilizada *“Jeová Jiré”*, Deus proverá. Deus estava provendo para Abraão e sua família tudo aquilo que eles precisavam. Mas a sua atitude é de alguém que confia incondicionalmente no Senhor.

4. JESUS CRISTO

Quando lemos a história de Abraão, e conectando com as Escrituras Sagradas, vemos no Antigo Testamento Deus fazendo o pacto com ele e cumprindo o seu pacto. Quando

disse que ele olhasse para o céu e contasse as estrelas se pudesse, e assim seria a sua descendência, Deus estava falando de algo grandioso para ele.

Quando a história se cumpre na pessoa de Jesus Cristo, o cordeiro agora será sacrificado como foi no lugar de Isaque, mas de maneira definitiva. A expiação dos pecados será realizada através do sangue derramado na cruz do calvário.

Zugg (2016) nos diz que no Evangelho de Lucas, o servo do Senhor ordena o Novo Pacto. E em Lucas 1.67 ele mostra que Cristo cumpre todas as promessas do Pacto Abraâmico.

O apóstolo Pedro afirma que os judeus são os filhos do Pacto com Abraão, que Jesus é o servo de Deus, e que eles são a descendência de Abraão em quem todas as famílias da terra serão benditas.

O pacto feito com Abraão é um tipo, cumprido inicialmente no Antigo Testamento, mas também que apontava para um novo tempo, para um cumprimento maior no Novo Testamento. Tipologia passa através de todos os pactos de

Adão, Noé, Abraão, e Israel e tem seu clímax no Novo Pacto em Cristo.

As promessas a Abraão diziam que ele teria uma semente, que ele seria uma grande nação, e que ele herdaria a terra. Isso foi inicialmente cumprido em Isaque, o primeiro filho da promessa. Então, encontra um cumprimento maior na nação de Israel. Israel era o filho de Deus, e ele entrou e possuiu a terra de Canaã. Mesmo assim, Israel falhou e não alcançou sua glória. Ela parecia estar revertida quando Israel foi lançado fora da terra, mas no Novo Pacto (Aliança), foi dito a Israel que ele seria restaurado a terra. No Novo Pacto, a verdadeira Semente de Abraão é Cristo quem, como um Filho obediente, herda o mundo.

Como todos os pactos, o Abraâmico é cumprido primeiro em Israel e então, finalmente em Cristo. Jesus é a semente de Abraão: Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão (Mateus 1.1). A morte de Cristo cumpriu o pacto com Abraão e traz o Novo Pacto (Aliança) (Lucas 22.20). A circuncisão aponta para a morte de Cristo

(Colossenses 2.11-12). As bênçãos para todas as nações é cumprida em Cristo (Gálatas 3.7-9). A mesma promessa que foi feita a Abraão agora tem cumprimento em Cristo. Há uma linha direta entre o Pacto Abraâmico e o Evangelho do Novo Pacto (Aliança) em Cristo. “E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gálatas 3.29). Cristo é agora o centro das promessas feitas a Abraão: todos os que o abençoarem serão abençoados: todos os que o rejeitarem serão rejeitados. Todos da semente de Abraão são filhos de Deus; todos os filhos recebem o Espírito de Deus pela fé.

Murray (1993, p.189) nesta linha de pensamento afirma que toda providência para nossas vidas reside na pessoa de Jesus Cristo:

É da plenitude imensurável da graça e da verdade, da sabedoria e do poder, da bondade e do amor, da justiça e da fidelidade que reside naquele em quem o povo de Deus extrai os recursos para todas as suas necessidades desta vida e esperanças para a vida vindoura.

Essa promessa estava implícita no pacto com Abraão, para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido (Atos 2.38,39; Gálatas 3.14, 4:6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este artigo afirmando que os planos de Deus para os seus filhos é algo extraordinariamente maravilhoso. As pessoas podem até não entender o que está acontecendo em sua vida naquele momento, mas elas fazem parte da sua formação.

Quando vemos a providência de Deus na história da salvação realizando o pacto com Abraão e apontando para a pessoa do Filho Dele, Jesus Cristo, podemos ter a certeza desse plano extraordinariamente maravilhoso. Seu amor, sua bondade para conosco é algo imensurável.

Certamente a providência divina é presente na vida dos seus filhos mesmo quando eles não percebem que em todas as coisas o Senhor está no controle e tem os melhores planos para

eles. Estava na vida de Abraão, de Isaque e tantos outros servos do Senhor e também está conosco.

Obviamente não conseguindo esgotar assunto tão extenso, mas apresentando de forma resumida tal assunto.

Terminamos com as palavras do apóstolo Paulo em Filipenses 2.13: *“porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.”*

Deus nos socorre em pequenas coisas do dia a dia, mas também manifesta sua providência no plano maior para nossas vidas, fazendo com que sua vontade se realize no tempo certo, respeitando nossa individualidade e também nossa liberdade limitada em tomar decisões, mas sendo tocados pela sua graça irresistível a todo instante.

REFERÊNCIAS

- BAILLIE, D.M. **Deus Estava em Cristo**. São Paulo: ASTE, 1964.
- BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Trad. Odayr Olivetti. Campinas: Luz para o Caminho. 1990.

CALVINO, João. **Institutas ou Tratado da Religião Cristã**. Edição Clássica. Volume 01. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

CAMPOS, Heber Carlos. **O Ser de Deus e Suas Obras: A Providência e Sua Realização Histórica**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

CONFISSÃO de Fé e Catecismo Maior da Igreja Presbiteriana. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1980.

DAVIDSON, M.A. **O Novo Comentário da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1963.

DUNCAM, Ligan. **Introduction to Covenant Theology** | First Presbyterian Church, Jackson, Mississippi 07/02/18 14h37.

GRONINGER, Gerard Van. **Da Criação à Consumação** Volume 1. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018.

HANKO. Ronaldo. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/providencia/a-providencia-Deus_hanko.pdf> .

HENRY, Mattew. **Comentário Bíblico do Antigo Testamento. VOL 1**. São Paulo: Editora CPAD, 2008.

KEVAN, Ernest. **A Lei Moral**. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2000.

MURRAY, John. **A Redenção Consumada e Aplicada**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1993.

PACKER, J.L. **O Conhecimento de Deus**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.

ROBERTSON, O. Palmer. **O Cristo dos Pactos**, Trad. Américo J. Ribeiro. Campinas: Luz para o Caminho, 1997.

TRAVIS, Stephen. **Creio na Segunda Vinda de Cristo**. Campinas: Luz para o Caminho Publicações, 1990.

VINCENT, Albert. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Edições Paulinas, 1968.

ZUGG, Julian. Disponível em:

<<https://mintscampina.files.wordpress.com/2016/12/teologia-do-pacto-portuguc3aas.pdf>>.